

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’  
20 e 22 de abril de 2026

## TORRE BELA / 1977

*um filme de* THOMAS HARLAN

*Realização:* Thomas Harlan, em colaboração com Luc Mohler / *Direção de fotografia* (“imagens”): Russell Parker / *Assistentes de câmara:* Gernot Köhler, José Reynès / *Som:* Norbert Chayer / *Montagem:* Roberto Perpignani / *Assistentes de montagem:* Tiziana Faggiani, Antonella Bussoletti, Paola Pannicelli / *Segunda unidade de montagem:* Claudio Cutry, Giorgio de Vincenzo / *Montagem de som:* Sandro Peticca, Michael Billingsley / *Misturas:* Federico Savina e Fausto Ancillai / *Participação:* os ocupantes (Wilson Faustino Filipe, Maria Vitória Morgado, João Filipe, Elisa Filipe, José Manuel Mota Morgado, José Aniceto, Eugénio Janeiro Damaso, Donzília Felismina Onofre, Estrela Soares Adão, Maria do Céu, Maria do Rosário Amaral, Maria do Rosário Major Pereira, Maria Carolina Gabriel, Maria Júlia Duarte Gabriel, Mário Rosa Cândido, Herculano Valada Martins, Eugénio Estevão Caetano, José Guerra, Leonardo Ventura, Joaquim Vitor Jerónimo da Silva, José Lourenço Carvalho, David Paulo Francisco, Fernando Gomes Amaral, João Carlos Conceição Rodrigues, Joaquim Manuel Pedro Tomás, António Manuel Pedro Mota, António Alves Varinho, António Caetano, Helder Vieira, Amorim Rosário Alexandre, Joaquim Alves Duarte, Manuel Freda Ambrósio, Carlos Fernando Casimiro Rodrigues, Francisco Elmano, António Simões, João Ferreira da Costa, Teresa Mota Morgado, Ramalho, Amália), Camilo Mortágua (da LUAR), Paulo Campino (Sindicato de Vila Franca de Xira), José Afonso, Julian Beck, os capitães Banazol, Loureiro, Rodrigues e Rosa / Filme dedicado a Oteló Saraiva de Carvalho.

*Produção:* ERA NOVA, Lichtbild Vaduz (Portugal, República Federal Alemã, Itália, 1977) / *Produtor delegado:* Alexander Duly / *Produtora executiva:* Luisa Orioli / *Diretor de produção:* José Pedro Andrade dos Santos, em colaboração com François Demptos, Chantal Fleury, Mario Marzot e Gabriella Peyrot / *Laboratório de imagem:* LTC Laboratoires Franay, Saint-Cloud / *Sonorização e misturas:* International Recording, Roma / *Cópia do dia 20 de abril:* DCP (Cinemateca Portuguesa), colorida (a preto e branco na “sequência do Duque”), falada em português e francês, legendada em inglês, legendada eletronicamente em português (“sequência do Duque”), 112 minutos / *Cópia do dia 22 de abril:* 16mm (Cinemateca Portuguesa), colorida, falada em português e francês, intertítulos em inglês, legendada eletronicamente em português (cartões da abertura e “sequência do duque”), 138 minutos / *Estreia mundial:* 13 de maio de 1977, Festival de Cannes (versão com 139 minutos) / *Estreia comercial portuguesa:* 2 de agosto de 2007, Cinema King (versão com 105 minutos) / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 9 de abril de 1984, “25 de Abril – Imagens”.

**A sessão de dia 20 contará com uma apresentação e será seguida por uma conversa alargada.**

Cartão de restauro (cópia do dia 20): Desde que **Torre Bela** foi apresentado ao público pela primeira vez em Cannes em 1977, Thomas Harlan promoveu a sua circulação em numerosas versões, com diferenças por vezes significativas ao nível da duração total, da ordem exata das sequências e da montagem interna de cada sequência. Em 2005, o realizador fixou uma versão de autor definitiva deste filme, que estreou em Lisboa em 2 de agosto de 2007 e foi depois distribuída em formato de vídeo SD. A nova cópia digital agora apresentada corresponde à montagem dessa versão definitiva e resulta da digitalização e restauro digital em definição 4K do negativo de câmara original de 16mm, complementado com algumas sequências só localizadas em cópias e materiais intermédios de outras versões, ampliados para 35mm.

Nota (cópia do dia 22): tiragem de cópia em 2014 a partir de um internegativo reversível cor em 16mm proveniente do Cinema Communications Services, em Roma (o laboratório italiano onde o material havia ficado), e depositado na Cinemateca em 2009, na sequência de acordo com o Filmmuseum de Munique. Este material, recebido com a indicação “Versão Americana”, apresenta um genérico em inglês que credita a empresa Tricontinental Films, e uma sequência de abertura alternativa (um longo *travelling* lateral sobre um muro da propriedade, onde surge, por escrito e em inglês, o testemunho sobre a apanha da azeitona). Este material evidencia que foi alvo de intervenções (planos em internegativo), nomeadamente no plano da entrada, na entrevista ao duque e no plano final. Substancialmente mais longa, esta versão altera a ordem de várias sequências, apresenta sequências alternativas (em relação à versão definitiva), apresenta sequências com diferentes montagens e a “sequência do duque” está a cores. Esta mesma versão foi apresentada uma única vez na Cinemateca (em cópia digital) a 30 de julho de 2018 no ciclo “Filmes Portugueses Legendados”.

E na história do “cinema militante” feito em Portugal na sequência do 25 de Abril **Torre Bela** tornou-se, de facto, um título mítico. As questões acima expostas em “nota” contribuem para isso, mas há outros factores não despidendos. O próprio realizador, por exemplo. Thomas Harlan, nascido em 1929 e falecido em 2010, filho do famigerado Veit Harlan (realizador de alguns dos mais tristemente célebres filmes de propaganda nazi) foi sobretudo um escritor, e apenas pontualmente dirigiu filmes. Em 1974/75 andou por cá, um dos vários estrangeiros atraídos pela revolução portuguesa e pelas suas particularidades. Testemunhou a “reforma agrária” no terreno e aqueles breves momentos em que em Portugal se viveu a quimera do “poder popular”, e concentrou esse testemunho neste filme, **Torre Bela**, que conta a história da ocupação da herdade homónima, a 60 quilómetros de Lisboa, por um grupo de camponeses organizados (mais ou menos organizados) em cooperativa.

Convém, pelo recuo temporal mas não apenas por ele, pôr aspas na “militância”. Se **Torre Bela** sobreviveu (e sobreviveu possivelmente melhor do que muitos outros filmes) dentro da nuvem do “cinema militante” do imediato pós-25 de Abril é porque não confundia, já na altura, a “militância” do gesto com a “militância” do seu resultado cinematográfico. É um filme próximo dos camponeses, filmado de dentro do “poder popular”. Mas essa proximidade é trabalhada no sentido de uma neutralidade descritiva altamente pormenorizada. Uma das forças de **Torre Bela**, enquanto objecto documental, é o facto de ele poder ser visto como um “mapa”, logístico e ideológico, daquela situação específica e de outras, mais gerais, que nela se reflectiam — a história de um caso particular que condensa algo do pequeno universo que era Portugal em 74/75. A organização dos camponeses, as relações com as formações partidárias ou com os militares, o activismo cultural (há um momento com José Afonso, Vitorino e Francisco Fanhais, a cantarem *Grândola Vila Morena* para uma plateia de camponeses), as próprias questões de classe: **Torre Bela** é um testemunho límpido, e historicamente quase “educativo”, de um momento crucial na vida portuguesa das últimas décadas.

E pode sê-lo porque Harlan não imprime uma “leitura” ao seu filme, razão por que o filme, pelo menos visto de hoje, se escapa à dimensão mais propriamente “militante”, no sentido mais redutor (e imediatista) que a palavra pode ter. Há como que um espaço em branco na relação entre o filme os acontecimentos que narra (a inexistência de voz *off* a forçar um determinado entendimento contribui para isso). E esse espaço em branco contribui para uma espécie de fantasmagoria. Que é a fantasmagoria que se vê nas cenas rodadas na casa do Duque de Lafões, o expropriado proprietário da herdade da Torre Bela. Primeiro, aquele breve plano (o mais enigmático do filme) que nos mostra uma sala e alguém que toca piano. Depois, a “ocupação”, os camponeses que remexem gavetas e armários, experimentam colares e vestidos, mandam palpites sobre as fotografias de família expostas nas paredes e nas prateleiras — o espectador cinéfilo vê-se perante a versão “real,” documental, da ceia dos mendigos na *Viridiana* de Buñuel (e a ausência de comentário em **Torre Bela** potencia uma impressão igualmente subversiva). “Ainda vamos mas é todos presos”, comenta um camponês. Frase lapidar que revela uma noção das coisas, não importa quão ingénua: passamos, nessas cenas, de um “mundo político”, onde todos são “categorias”, para um “mundo íntimo”, onde todos são indivíduos (e o episódio da enxada, quase burlesco — marxismo-groucho... — deixa lapidarmente exposta essa falta de sobreposição absoluta entre a concepção política e a prática pessoal de cada homem tomado individualmente). Se em termos de categorias políticas todos são entidades abstractas, há ali um momento em que todos (os ocupantes como os “ocupados”) voltam a ser indivíduos. A capacidade de revelar este confronto, esta contradição, entre a abstracção política e a integridade individual, de forma tão sucinta quanto arrepiante, é a mais explícita linha de demarcação, em **Torre Bela**, entre a retórica militante e a interrogação documental.

Luís Miguel Oliveira